



QUANDO REPETIR É ENUNCIAR: QUESTÕES SOBRE LINGUAGEM E MEMÓRIA

PATRÍCIA DA SILVA VALÉRIO¹
LUIZA ELY MILANO²

Não existe nenhum modo pelo qual acontecimentos do mundo possam ser transmitidos ou registrados diretamente no cérebro: eles são experimentados e construídos de um modo acentadamente subjetivo, que, para começar, é diferente em cada indivíduo, e além disso são reinterpretados ou novamente experimentados de forma diferente toda vez que a pessoa os recorda. Nossa única verdade é a verdade narrativa, as histórias que contamos uns aos outros e a nós mesmos — as histórias que recategorizamos e refinamos continuamente. (SACKS, 2017).

RESUMO: O texto propõe uma reflexão teórica sobre a singularidade da memória na enunciação de sujeitos idosos. Para tanto, busca delinear um conceito de memória, que se afasta dos estudos mnemônicos, sob o viés neurofisiológico, e se aproxima de reflexões de cunho filosófico e psicanalítico. Os estudos na perspectiva filosófica abordam a fenomenologia da memória e o paradoxo do trabalho do historiador, entre memória individual e coletiva, os quais permitem uma definição de memória como imagem/lembança trazida para o presente através da linguagem e como sendo triplamente constituída, isto é, atribuída *a si, aos outros, aos próximos*. A teoria psicanalítica revisitada revela a memória como uma *reinauguração* de algo vivido, o que contradiz a visão do senso comum acerca da recorrência à repetição nas narrativas de alguém que envelhece. Assim, sob a perspectiva linguística-enunciativa, a memória revela-se como uma possibilidade de percorrer o tempo, permitindo a cada um a própria continuidade temporal, sem ruptura com o presente, como algo capaz de dar vida nova ao acontecimento e à experiência do acontecimento.

Palavras-chave: Discurso. Memória. Sujeito.

RESUMÉ: Le texte propose une réflexion théorique sur la singularité de la mémoire dans l'énonciation de sujets âgés. Pour ce faire, on cherche à définir un concept de mémoire, qui s'éloigne des études mnémoniques sous le biais neurophysiologique, pour s'approcher des réflexions philosophiques et psychanalytiques. Les études dans la perspective philosophique abordent la phénoménologie de la mémoire et le paradoxe du travail de l'historien, entre la mémoire individuelle et la mémoire collective, qui permettent de définir la mémoire comme image/souvenir apportée au présent par le langage et comme triplement constituée, c'est-à-dire, attribuée *à soi, à d'autres, aux prochains*. La théorie psychanalytique révisite révèle la mémoire comme une *réinauguration* de quelque chose de vécu, ce

¹ Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, RS, Brasil. patriciav@upf.br

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. luzamilanos@gmail.com

qui contredit la vision du sens commun sur l'appel à la répétition dans les récits de celui qui vieillit. Ainsi, d'un point de vue linguistique et énonciatif, la mémoire se révèle comme une possibilité de traverser le temps, en permettant à chacun sa propre continuité temporelle, sans rupture avec le présent, comme capable de donner une nouvelle vie à l'événement et à l'expérience de l'événement.

Mots-clés: Discours. Mémoire. Sujet.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo propomo-nos a abordar a singularidade da memória na enunciação evocada³ de alguém que envelhece⁴. Assim, buscamos definir um conceito de memória, que se afasta dos estudos mnemônicos sob o viés neurofisiológico, e se associa a reflexões de cunho filosófico e psicanalítico, com base em Ricouer (2007), Freud (1975), Garcia Roza (1991) e Rossi (2010).

A memória pertence ao tempo, já dizia Aristóteles. Como estudiosos da enunciação, sabemos que quando alguém enuncia – aqui e agora – uma noção de tempo é assinalada, pois este alguém fala *do* tempo (do passado, do presente ou do futuro), *no* tempo, com um outro com quem alterna o papel de protagonista na enunciação (BENVENISTE, 1989; 1995). Mas a memória é tão somente do passado? O que faz a memória no discurso de alguém que envelhece? A memória no discurso é mera repetição? São essas as principais indagações que mobilizaram este estudo sobre o papel da memória no discurso de idosos.

Se *é o ponto de vista que cria o objeto*, como nos ensinou o pai da linguística moderna (SAUSSURE, 2002), optamos por vislumbrar a memória não sob a ótica da neurociência – já que a abordagem neurofisiológica do processo não é foco desta investigação –, mas sob o aspecto da singularidade da memória evocada. Compreendemos que o acesso à memória se dá através da linguagem e, por isso, via enunciação, razão que nos leva a buscar responder o que os estudos enunciativos – passando pela interlocução com os campos da filosofia e da psicanálise – têm a dizer sobre a memória.

Assim, em busca da construção de uma definição de memória no campo da enunciação, iniciamos nosso percurso teórico, revisitando a obra *A memória, a história e o esquecimento*⁵, de Paul Ricouer (2007), que se constitui referencial importante para compreender a memória, sob a perspectiva fenomenológica e

³ O termo “evocada” refere-se à enunciação falada (oralizada) e encontra abrigo em Benveniste (1989, p. 82), que define a enunciação como “a realização vocal da língua”. Entretanto, adiante, nesse mesmo texto, o autor admite a possibilidade de enunciação escrita: “seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita”. (BENVENISTE, 1989, p. 90).

⁴ Referimo-nos a um grupo específico, com mais de 60 anos que, de acordo com critérios da Organização Mundial de Saúde (OMS), é considerado idoso. O estudo que desenvolvemos interessou-se pelo lugar que a memória ocupa no discurso de pessoas que se encontram nessa etapa da vida. O presente artigo, no entanto, não apresenta as análises dos diálogos, gravados e transcritos, com/entre idosos que outrora empreendemos, visto que o objetivo específico dessa publicação é apresentar reflexões de cunho teórico acerca do tema.

⁵ A obra, publicada originalmente em francês em 2000, chegou ao Brasil em 2007 e, conforme Santos (2013), é considerada uma síntese de todas as obras de Ricouer. A obra é dividida em três partes: a primeira trata da memória e dos fenômenos mnemônicos, sob o abrigo da fenomenologia da memória; a segunda dedica-se à história, a partir de uma epistemologia das ciências históricas; e a

epistemológica. Nesse importante ensaio filosófico, Ricouer (2007) problematiza uma reflexão sobre *o que* se tem memória e sobre *quem* tem memória, delineando conceitos como os de memória individual, memória coletiva e de testemunho, que contribuem para a construção de um ponto de vista original sobre a memória no discurso.

Além da perspectiva filosófica, visitamos textos do campo psicanalítico, a fim de apreender conceitos congruentes que permitam uma (re)interpretação do conceito de memória. Nesse sentido, o texto *Recordar, repetir e elaborar*, de Freud (1914) e as obras *Introdução à Metapsicologia freudiana 2*, de Garcia Roza (1991), e *O passado, a memória e o esquecimento*, de Rossi (2010), constituem referencial teórico determinante na perspectiva adotada.

No campo da enunciação, recorremos a Émile Benveniste (1989;1995) a fim de revisitar o conceito de sujeito da enunciação, uma vez que essa noção é basilar na busca da compreensão de como a pessoa que fala institui seu lugar na enunciação, isto é, assume uma posição de sujeito *na e pela* linguagem. O conceito de sujeito da enunciação em Benveniste, complexo em sua natureza⁶, é compreendido como a capacidade de o locutor se propor como sujeito, como um efeito da constituição do homem *na e pela* linguagem (FLORES, 2013; FLORES & TEIXEIRA, 2005).

Nossa opção por focalizar a memória na linguagem de alguém que envelhece nos levou a buscar inspiração filosófica e psicanalítica, acreditando na potência interdisciplinar do diálogo dos estudos linguísticos com esses campos para a compreensão do conceito de memória na perspectiva enunciativa.

2. UM OLHAR FILOSÓFICO SOBRE A MEMÓRIA – A LEITURA DE PAUL RICOUER

Selecionamos recortes presentes na teoria de Ricouer sobre a memória na linguagem (2007), a fim de iluminar nossa reflexão em busca da definição da especificidade da memória no campo da enunciação. Esperamos, entretanto, que esse recorte, parcial em sua natureza, não desmereça a riqueza epistemológica-conceitual do pensamento do autor.

Ricouer (2007, p. 40) destaca a relevância da memória para a humanidade uma vez que a memória é capaz de potencializar as experiências e de atribuir significado “a algo que aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela”. Desde a mera lembrança ou reminiscência, seja sob forma de imaginação, evocação ou testemunho, a memória fala sempre da evocação presente de algo ausente.

terceira faz uma análise do esquecimento, sob o viés de uma hermenêutica da condição histórica dos seres humanos.

⁶ Os limites deste artigo nos impedem de aprofundar o que se entende pelo sintagma “sujeito da enunciação”, na perspectiva enunciativa benvenistiana. Para maiores detalhes, ver Flores (2013).

Como se propõe a perscrutar a memória, Ricouer (2007) desenvolve dois conceitos basilares na compreensão da perspectiva mnemônica adotada: o conceito de fenomenologia da memória e o conceito de trabalho do historiador.

A fim de examinar a fenomenologia da memória, o filósofo propõe duas questões, as quais dirigem seu raciocínio: *de que há lembrança? de quem é a memória?* Para respondê-las, sugere desdobramentos, entre um aspecto cognitivo e outro pragmático – raciocínio possível através do resgate dos conceitos gregos de *mnémé* e *anamnésis*⁷, os quais lhe permitem avançar na reflexão sobre a representação do passado através da memória.

O passado não é, para Ricouer (2007), um ponto original, mas um *não-agora*, algo que pode ser evocado ou lembrado⁸ através de um esforço de reflexividade ou não. Nesse sentido, a evocação, seja representada através da memória ou da imaginação, é *uma lembrança que sobrevém como presença do ausente*⁹.

Para além da fenomenologia, o autor traz uma discussão contemporânea acerca do trabalho do historiador, a de tomar a memória dos protagonistas da ação um a um ou a das coletividades em conjunto, isto é, o paradoxo vivido pelo historiador entre o valor da memória individual e o da memória coletiva. O questionamento acerca do caráter *primordialmente* pessoal ou coletivo da memória encontra abrigo na seguinte problematização:

por que a memória haveria de ser atribuída apenas a mim, a ti, a ela ou a ele, ao singular das três pessoas gramaticais suscetíveis quer de designar a si próprias, quer de se dirigir cada uma a um tu, quer de narrar os fatos e os gestos de um terceiro numa narrativa em terceira pessoa do singular? E por que essa atribuição não se faria diretamente a nós, a vós, a eles? (RICOEUR, 2007, p. 105).

Para enfrentar esse paradoxo, o filósofo argumenta em favor de uma articulação histórica com uma fenomenologia da memória¹⁰, razão pela qual defende um trabalho que, primeiramente, examine o funcionamento interno de cada um desses discursos e, em seguida, possa articular esses dois discursos de modo “a dar alguma credibilidade à hipótese de uma constituição distinta, porém

⁷ *Mnémé* significa ter uma lembrança, possui um caráter maior de passividade, enquanto *anamnésis* significa ir em busca da lembrança, o que significa uma busca intencional, mais ativa, portanto.

⁸ Para aprofundar a discussão a respeito da evocação, da reflexividade e da recordação, tal como pensada pelo pesquisador, pode-se consultar Ricouer (2007, p. 55-61).

⁹ Essa afirmação da possibilidade da *presença do ausente* nos remete à leitura de Benveniste, em especial da distinção entre o estatuto de pessoa e de não-pessoa. Especialmente o texto *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1995 [1946]) permite depreender tal distinção a partir de duas correlações: a de *personalidade* – presente em *eu/tu*, ausente em *ele* – e a de *subjetividade*, marca exclusiva do eu.

¹⁰ Observamos aqui, uma vez mais, uma relação bastante próxima da reflexão de Ricouer com as noções de tempo histórico e tempo do discurso presentes no texto *As relações do tempo no verbo francês*, de Benveniste (1995 [1959]). Nesse texto, Benveniste diferencia dois sistemas distintos e complementares que manifestam dois planos de enunciação diferentes: o da história e o do discurso. O primeiro é o modo de enunciação reservado à escrita; caracteriza-se pela narrativa a fatos passados e contrapõe-se ao segundo, no qual há um locutor que instaura o categoria de pessoa *eu/tu* à qual opõe a não-pessoa *ele*.

mútua e cruzada, da memória individual e da memória coletiva” (RICOUER, 2007, p. 107). Essa é, na sua opinião, a tarefa do filósofo.

Para compreender o ponto de vista defendido por Ricouer acerca da memória, precisamos conhecer dois conceitos importantes no estudo que realizamos: o de memória individual e o de memória coletiva. É o que faremos na sequência.

2.1. Memória Individual e coletiva

Para construir argumentação em defesa de uma concepção trina de memória, Ricouer (2007, p. 107) define, a partir de Santo Agostinho, um caráter privado de memória, já que “ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si”.

Ao aprofundar essa característica de individualidade de memória, Ricouer (2007) explora a definição de três traços comuns. O primeiro é relacionado à singularidade, pois as memórias de uma pessoa não são iguais às memórias de outra: “enquanto minha, a memória é um modelo de minhadade, de possessão privada, para todas as experiências vivenciadas pelo sujeito” (p. 107). O segundo traço relaciona-se com a vinculação original do passado à memória, a qual é o passado das minhas impressões, pois se trata de um passado que é *meu*. Por meio desse traço, é que a memória garante a continuidade temporal da pessoa, o que permite a cada indivíduo percorrer os tempos mais longínquos das experiências vividas sem ruptura do presente vivido. Por fim, o terceiro traço revela a possibilidade de a memória construir o sentido de orientação da passagem do tempo, seja por movimento retrospectivo (do presente para o passado), seja por movimento prospectivo (do passado para o presente).

A característica fundante do segundo traço – o vínculo com o passado – é, para nós, bastante fecunda. Observamos, nos diálogos testemunhados com os participantes do estudo que realizamos¹¹, a recorrência à narração de episódios ocorridos em momentos distantes de sua vida, os quais são trazidos, através da fala, para o presente. Essa tríplice estrutura (exclusividade, profundo vínculo com o passado e sentido de orientação), característica da tradição do olhar interior, é recorrente na linguagem de quem envelhece.

Se para tratar da memória individual, Ricouer (2007) recorre a Santo Agostinho, para tratar da memória coletiva, busca inspiração em Maurice Halbwachs (1877-1945)¹², para quem o acesso à memória se dá via testemunho dos outros, uma vez que as memórias são compartilhadas e reveladoras de que, em realidade, nunca estamos sozinhos.

No entanto, Ricouer (2007, p. 133) não compartilha do ponto de vista de Halbwachs, no que diz respeito ao caráter coletivo da construção da memória, e

¹¹ Nossa pesquisa envolveu a análise de diálogos de adultos com mais de 60 anos, nos quais se percebeu a insistente ocorrência de narrativas baseadas em recursos mnêmicos. A pesquisa está disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5039>

¹² Conforme Ricouer (2007), a obra de Maurice Halbwachs torna-se bastante conhecida somente várias décadas após a publicação de sua obra *A memória coletiva*. Deve-se a Maurice Halbwachs a atribuição da memória diretamente a uma entidade coletiva, o que se constituiu em um pensamento bastante corajoso para a época (início do século XX).

argumenta em favor da impossibilidade de abolir o aspecto individual presente no exercício da lembrança, porque “é no ato pessoal da recordação que foi inicialmente procurada e encontrada a marca do social”. Assim, para Ricouer (2007), o ato de recordar-se de algo é sempre individual.

Identificamos, uma vez mais, estreita relação entre o pensamento do filósofo francês¹³ – sobre a recordação como “ato individual” – e o do linguista sírio acerca do caráter subjetivo da linguagem. Ricouer, ao abordar a especificidade da memória individual e coletiva, indaga se não existiria entre esses dois polos uma terceira via, um plano intermediário de referência em que se operariam as trocas entre a memória viva, das pessoas individuais, e a pública, das comunidades nas quais elas estão inseridas. Esse seria um outro plano, o das relações com os próximos a quem podemos atribuir um outro tipo de memória. Diz o autor:

[...] os próximos, essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos, estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre si e os outros. Variação de distância, mas também nas modalidades ativa e passivas dos jogos de distanciamento e aproximação que fazem da proximidade uma relação dinâmica constantemente em movimento: tornar-se próximo, sentir-se próximo (RICOUER, 2007, p. 141).

Dando sequência à reflexão sobre o grau de atribuição da memória aos próximos, o autor questiona sobre o modo como os *próximos* nos contariam algo, do ponto de vista da memória compartilhada. Explica que os próximos constroem uma memória compartilhada conosco, pois partilham do mesmo ato que nós – o do “envelhecer junto”¹⁴. O filósofo reforça, desse modo, seu ponto de vista em favor de uma concepção trina para pensar sobre a memória no tempo (ou na história), rechaçando a polaridade entre memória individual e memória coletiva, em prol de *uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros*.

Para Ricouer (2007), a reciprocidade é algo essencial no discurso, pois a troca correspondente consolida o sentimento de existir em meio a outros homens. Então, podemos pensar que a ausência dessa troca afeta a própria existência do sujeito, como diz Benveniste (1995, p. 285), já que é “um homem falando com outro homem que encontramos no mundo”.

Até aqui definimos a memória sob uma perspectiva filosófica-epistemológica. Duas ideias são fundamentais e serão resgatadas adiante: a primeira é a própria definição de memória como algo (imagem/lembrança) trazido para o presente através da linguagem; a segunda é a concepção de memória como sendo triplamente constituída, isto é, atribuída *a si, aos outros, aos próximos*.

A próxima seção, para cumprir nosso objetivo de esboçar um conceito enunciativo no que diz respeito ao papel da memória no discurso de alguém que envelhece, dedicamos à abordagem psicanalítica da memória.

¹³ Na obra de Ricouer (2007) há referência explícita a Benveniste em várias citações, como é possível constatar, por exemplo, nas páginas 172, 259 e 355.

¹⁴ A expressão “envelhecer junto” encontra abrigo em Ricouer (2007), mas tem origem na obra *The Phenomenology of the Social World*, de Alfred Schutz que, a partir de um estudo filosófico-sociológico sobre as gerações, situa, entre os predecessores e os sucessores, o eixo dos contemporâneos, ou seja, daqueles que compartilham do fenômeno do “envelhecer junto”.

3. A MEMÓRIA SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE

Esta investigação em torno do papel exercido pela memória no discurso nos levou a refletir sobre a forma singular como a memória toma lugar na vida e no discurso de alguém que envelhece, razão pela qual escolhemos – além do viés filosófico – o psicanalítico. Como Freud (ou a psicanálise) compreende a memória e, nessa perspectiva, a repetição?

Nosso percurso de leitura, ao transitar pela psicanálise freudiana, tem como objetivo dialogar com um campo ao qual as reflexões sobre subjetividade e linguagem são igualmente caras. Desde nossa perspectiva, estamos atentas aos efeitos que o sujeito e a cultura produzem e/ou sofrem e à forma como esses efeitos repercutem nas manifestações de linguagem.

De acordo com Garcia Roza (1991), Freud conferiu importante status à memória ao longo de sua produção teórica. Desde a Comunicação Preliminar de *Estudos sobre a Histeria*, quando afirmou, em texto escrito em parceria com Breuer, e voltado inteiramente para questões clínicas (1893), que “o histérico padece de reminiscências”, passando pelo texto *Projeto de uma Psicologia Científica* (1895), quando declarou que toda teoria psicológica que se pretenda digna de consideração deve ter uma explicação para a memória, até a Carta 52 em que afirma que o reordenamento dos traços mnêmicos é responsável pela formação do aparelho psíquico, Freud nada mais fez a não ser reafirmar o caráter essencial da memória em seus estudos.

Resgatamos, a partir de Garcia Roza (1991), três textos da produção teórica de Freud, importantes para (re)construir a concepção de memória na perspectiva da psicanálise: o das *Afásias*, de 1891, o *Projeto* de 1895 e a *Carta 52*, de 1896.

No primeiro texto, sobre as *Afásias* (1891), Freud tinha a intenção de elaborar um modelo de aparelho de linguagem. Os resultados, segundo Garcia Roza (1991, p. 30), foram além dos objetivos propostos, pois Freud acabou mostrando que esse aparelho de linguagem, diferentemente dos outros órgãos do corpo humano, não nasce pronto e acabado, mas “forma-se aos poucos, elemento por elemento, na relação com um outro aparelho de linguagem, e é apenas por referência a esse outro que ele funciona”. O estudo sobre as afásias, portanto, ultrapassou seus próprios limites, tanto é que esse aparelho de linguagem acabou se transformando no primeiro modelo freudiano de *aparelho psíquico* (aparelho anímico) e sendo fundamental para a evolução da reflexão sobre linguagem e psiquismo em Freud.

No *Projeto de 1895*, Freud explica que esse aparelho de linguagem é acrescido de um elemento essencial, que é a memória. Esta não é agregada de modo secundário ao aparelho, mas o constitui. Esse trabalho inaugural de Freud é bastante conhecido, por oferecer um modelo de aparato neuronal, dadas as referências a *neurônios* e *quantidades*, mas Garcia Roza (1991) chama atenção para outro aspecto fundamental, presente neste texto:

o fato de as noções de investimento colateral, ligação, barreiras de contato, trilhamento (*bahnung*), signo de realidade ou signo de qualidade nos oferecerem um fantástico (nos dois sentidos do termo) modelo da subjetividade humana. (GARCIA ROZA, 1991, p. 35).

Freud argumenta sobre a permanência de traços, e não da lembrança precisa de um acontecimento. Afirma que o traço permanece para sempre, e o que se repete como memória não é o traço como inalterado, mas as diferenças entre os trilhamentos, as facilitações (*bahnung*). A memória, segundo Freud, consiste precisamente nessa repetição diferencial: “a memória não é um processo mecânico pontual, não é a reprodução sempre idêntica de um traço imutável, mas um processo que implica um diferencial de valor entre caminhos possíveis.” (GARCIA ROZA, 1991, p. 35). Segundo essa perspectiva, a memória será repetição (de um traço), mas será sempre uma memória diferencial.

Pensar a memória como uma espécie de *reinauguração* de algo vivido através da fala representa um deslocamento teórico absolutamente original para a reflexão que buscamos. O senso comum costuma dizer que os idosos repetem, isto é, contam (descrevem ou narram), mais de uma vez, fatos e histórias vividas ou imaginadas. Mas se estamos fazendo ciência, não podemos nos restringir ao conhecimento do senso comum. Com Benveniste (1989 [1968]), aprendemos que “dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção” (p. 18), pois mesmo que o material linguístico seja repetido (por exemplo, dizer *bom dia*), há sempre uma renovação das categorias enunciativas pessoa, tempo e espaço¹⁵, as quais se renovam *na e pela* enunciação. Com a psicanálise, vimos que a memória é repetição de um traço, o qual permanece o mesmo, mas ela será sempre diferencial, já que o modo como a memória torna a se fazer presente é, a cada vez, único. Nessa perspectiva, considerando a singularidade da memória no discurso, a análise de diálogos estabelecidos com/entre idosos aponta para a impossibilidade de tratar a memória como mera repetição.

A leitura dos textos de Freud apontou-nos questões significativas: há repetição no discurso de sujeitos que envelhecem? Se sim, o que esses sujeitos repetem? E se memória é repetição¹⁶, que função ela cumpre no discurso de idosos (que repetem)?

Garcia Roza (1991, p. 36) explica que a memória, no *Projeto 1895*, é definida como “o poder que uma vivência tem de continuar produzindo efeitos”. Ora, se a memória retorna, via linguagem, nas interações entre os sujeitos, é porque de alguma forma continua produzindo efeitos.

Outra constatação importante, depreendida das reflexões freudianas na *Carta 52*, é a de que o aparelho psíquico (ou aparelho anímico) é fundamentalmente um aparelho de memória. Assim, a memória desse aparelho é a memória de linguagem, de uma escritura, como podemos atestar através da seguinte constatação do autor:

O aparelho psíquico não é psíquico, isto é, aquilo que faz com que esse aparelho seja um aparelho não é da ordem do psicológico, mas da ordem da linguagem. Portanto, o aparelho psíquico é um aparelho simbólico e não um aparelho psicológico. (GARCIA ROZA, 1991, p. 43).

¹⁵ A categoria de pessoa é instaurada somente na e pela enunciação. Assim, mesmo que o locutor seja o mesmo (a dizer *bom dia*, por exemplo), a enunciação é sempre *hic et nunc*.

¹⁶ Na perspectiva psicanalítica, a memória é repetição de um *traço*, de experiências vividas, o que não significa que a repetição seja, necessariamente, um problema (no sentido patológico), pois ela pode ser caracterizada como o desejo de reviver uma experiência, um desejo inconsciente.

Parece-nos fundamental considerar estas ideias destacadas pelo psicanalista: a da determinação humana pela linguagem e a de que é na relação com o outro, enquanto falante, que o aparelho de linguagem se forma, e não individualmente (ou autonomamente), tampouco na relação com o outro, enquanto objeto do mundo.

Se o homem é determinado pela linguagem e se é na relação com o outro enquanto falante que esse aparelho de linguagem se forma, então, ao assumir-se como *eu na e pela* linguagem, possibilita-se a instauração da subjetividade¹⁷ na linguagem e, em consequência, da intersubjetividade, já que a condição de diálogo é constitutiva da noção de pessoa. (BENVENISTE, 1995).

Freud não elabora, conforme aponta Garcia Roza (1991), uma teoria da memória na perspectiva da memória-lembrança ou memória dos acontecimentos passados, uma memória da consciência; sua teoria é totalmente original. A memória de que trata Freud é uma memória do próprio sistema anímico, uma memória inconsciente. No constructo teórico freudiano, a memória não é algo que surge depois que o aparato psíquico já está constituído, mas ela o constitui, é formadora desse próprio aparato.

Garcia Roza (1991) insiste em esclarecer que a memória da qual Freud se ocupou não se trata da mesma memória da qual fala Bergson, em seu livro *Matière et mémoire*, que é contemporâneo ao *Projeto de uma Psicologia Científica* e à *Carta 52*. Para que não restem dúvidas disso, Garcia Roza abre uma seção específica para tratar da memória em Bergson, outra da memória em Freud. Entre ambos os autores, há diferenças e semelhanças radicais no que diz respeito a concepções de memória. Algumas concepções comuns a ambos os autores são:

a tese de que o passado se conserva integralmente (embora não seja necessariamente recordado); o esquecimento concebido como ativo e não passivo (esquecemos por eficiência e não por deficiência, por desgaste do material mnêmico); o caráter seletivo da memória; a ideia de uma mudança contínua do material mnêmico (a memória não se dá sobre algo que permanece idêntico a si mesmo, mas sobre algo que muda continuamente, sendo que, para Bergson, ela é a própria mudança). (GARCIA ROZA, 1991, p. 46).

Ainda que pareçam muitas, as semelhanças são superficiais e genéricas, insuficientes para associar ambos os autores, cujas diferenças são profundas e irreconciliáveis. Para melhor compreender, aprofundaremos em duas subseções as concepções de um e outro autor acerca da memória.

3.1. A memória em Bergson

De acordo com Garcia Roza (1991), há pelo menos três diferenças radicais no modo como Freud e Bergson concebem a memória.

Para o filósofo francês Henri Bergson, a memória refere-se totalmente à consciência, enquanto para Freud, a teoria da memória refere-se ao sistema, que é, todo ele, inconsciente. Outra diferença é que, em Bergson, a memória é memória-lembrança, memória dos acontecimentos, enquanto para Freud, a memória é

¹⁷ Conforme Benveniste (1995), a subjetividade é a capacidade do locutor se propor como sujeito.

dos traços, isto é, das diferenças nas trilhagens estabelecidas no inconsciente (*bahnungen*). Por fim, a terceira diferença é que, em Bergson, a memória tem função adaptativa, isto é, está a serviço da adaptação da vida, enquanto para Freud, a memória está a serviço do prazer, tendo pouca (ou nenhuma) relação com a manutenção da vida.

Na concepção de memória em Bergson, é fundamental saber que o cérebro não se constitui como o suporte material das lembranças e que a memória pertence à série da subjetividade. Desse modo, uma lembrança se conserva nela mesma e não no cérebro.

Para Bergson, não existe perda de memória, ao contrário, há aumento progressivo, por isso a imagem atribuída à memória por ele é a de uma bola de neve que vai aumentando à medida que rola, o que acaba por revelar a persistência do passado no presente, empurrando o futuro. Essa persistência do passado não faz da memória um instrumento direto da ação e da adaptação (este é o papel da percepção). “A percepção não vira memória; percepção e memória pertencem a séries distintas. A percepção tem um estatuto psicológico; a memória tem estatuto ontológico.” (GARCIA ROZA, 1991, p. 49).

Nos diálogos estabelecidos com/entre os idosos (como os que estudamos), as narrativas sobre o passado revelam-se bastante presentes, o que aponta para essa *insistência do passado no presente* ao mesmo tempo em que nos mostra que a experiência temporal e a experiência narrativa se materializam na linguagem.

3.2. A memória em Freud

Desde os primeiros textos, a memória ocupa posição central na esteira das reflexões freudianas que dão origem à elaboração de seus modelos de aparelho psíquico. Este, por sua vez, articula imagens visuais, acústicas, táteis e palavras, o que o torna não só um aparelho de memória, mas um aparelho de linguagem.

Como já anunciado, memória e linguagem não se agregam secundariamente ao aparelho psíquico, mas lhe são constitutivas. “Se assim é, o modo pelo qual essa memória se constitui, e ao mesmo tempo constitui o aparelho, não pode ser pensado sem a necessária articulação com a linguagem.” (GARCIA ROZA, 1991, p. 52). Então, perguntamo-nos: de que se constitui a memória dos sujeitos que envelhecem?

Já vimos que, para Freud, a memória não é da alçada do consciente, mas do inconsciente. Rossi (2010, p. 96) dirá que “a memória involuntária precede a memória voluntária e a condiciona”. Após visitarmos os textos *Carta 52* e *A interpretação dos sonhos*, fica ainda mais evidente que a memória é algo que deve ser concebido como um texto. Assim, cabe distinguir *traço*, *impressão* e *texto*, o que faremos a seguir.

A impressão, para Freud, é o momento primário da elaboração mnêmica. Ela produz uma marca (*prägung*) e registra um momento anterior à inscrição e posterior à sensação. De acordo com Garcia Roza (1991, p. 54),

seja a impressão concebida como um processo ativo ou passivo, o fato é que Freud não considera a possibilidade dela ser conservada pela memória a não ser como traço ou como representação. Ela, por si mesma, não constitui lembrança, e não podendo ser lembrada, tem que ser reconstruída.

Desse modo, percepção e memória revelam-se mutuamente excludentes, não podendo coexistir no mesmo sistema.

A teoria da memória de Freud é desenvolvida em torno da noção de traço (*spur*). Quando fala em imagens mnêmicas, Freud não se refere à memória consciente, mas aos traços inconscientes. “Todo traço é traço de uma impressão” (GARCIA ROZA, 1991, p. 58). A formação do traço dependerá de dois fatores: da intensidade da impressão e da repetição.

A partir da leitura da Carta 52, é possível depreender que o aparelho psíquico é constituído de inscrições, as quais sofrem rearranjos e retranscrições ao longo da vida. Assim, a noção de traço evolui para a noção de escritura e a memória passa a ser entendida como resultado de inscrições de traços, os quais sofrem reorganizações e novas configurações, de modo a garantir que as transcrições não sejam cópias do original.

Outro conceito importante para compreender a especificidade da memória em Freud é o de *texto*. Para Garcia Roza (1991), a noção de texto se torna mais clarividente a partir da publicação da obra *A interpretação dos sonhos*¹⁸. Freud dirá que o sonho não é um texto feito com palavras, mas com imagens:

mesmo quando as palavras fazem parte do seu conteúdo, elas não o fazem na condição de palavras, mas na de imagens acústicas ou visuais [...] as imagens no sonho não têm valor de imagens, mas de signos que remetem a signos. (GARCIA ROZA, 1991, p. 65).

O sonho não é apenas um texto, mas o texto de uma mensagem cifrada, um enigma que cabe ao destinatário (o sonhador) decifrar. O sonho faz apelo à fala – à fala do sonhador e à fala do outro.

Essa mensagem é dirigida ao Outro. Tal como a garrafa lançada ao mar, ela não tem como destinatário um sujeito singular determinado, não é dirigida a esta ou aquela pessoa, mas a um lugar: à ordem simbólica. A resposta a esse apelo poderá ser dada por um outro, isto é, por um indivíduo singular e concreto, pelo próximo, mas não é a ele, especificamente, que a mensagem é dirigida. O outro é aquele que recolhe a garrafa e se dispõe a decifrar a mensagem, e isto só é possível se ele está situado nesse grande Outro que é a Ordem simbólica. (GARCIA ROZA, 1991, p. 67).

Feita a distinção dos conceitos de *traço*, *texto* e *impressão*, agora, sob o efeito dessa leitura, perguntamo-nos: será que a memória se faz presente, no discurso do idoso, por que, em alguma medida, tal como o sonho faz apelo à fala para poder ter seu sentido (re)construído, também precisa ser decifrada, ter seu sentido (re)

¹⁸ Dado o fato de esta investigação não assumir um viés unicamente psicanalítico, optamos por não aprofundar conceitos específicos da teoria, uma vez que esse trabalho demandaria um tempo-espaco maior, além de desviar do objetivo principal de nossa investigação. Se o leitor desejar examinar com maior profundidade alguns dos conceitos relacionados à interpretação dos sonhos, poderá consultar a obra de FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Trad. Renato Zewick. Porto Alegre: L&PM, 2013.

estabelecido? Analisando as falas dos sujeitos idosos, identificamos a recorrência à narração nos diálogos construídos. As pessoas falam, na tentativa de garantir seu lugar no tempo, seu lugar de sujeito na linguagem. Assim, as narrativas parecem funcionar como uma espécie de guardiãs do tempo, pois só existirá o tempo passado, se esse for narrado.

Seguindo em busca da (re)construção do conceito de memória, chegamos ao texto *Recordar, repetir, elaborar*¹⁹, de Freud, através do qual é possível perceber como o conceito de memória (e mesmo o de repetição) vai sendo reelaborado, ao longo das fases que a teoria psicanalítica sofreu desde seus primórdios. A primeira fase, caracterizada pelo recordar e ab-reagir, através da hipnose, trouxe consequências, tais como a impressão de experimento em laboratório. A segunda fase traz, para a técnica psicanalítica, as associações livres do paciente – o que acrescenta um trabalho de interpretação ao analista. Nessa fase, abandona-se a hipnose e o trabalho focaliza-se nos sintomas (problemas) revelados pelo paciente. Já a terceira fase inclui, ainda, as associações livres, porém exige que o analista abandone a tentativa de colocar em foco um momento ou problema específico para estudar tudo o que estiver presente, no momento, na superfície da mente do paciente e empregue a arte da interpretação, para identificar as resistências que lá aparecem, a fim de torná-las conscientes ao paciente. Freud explica que o paciente procura encobrir com palavras suas ações; assim, caberá ao analista observar as repetições, pois é através dessas repetições que o paciente, muitas vezes, trará as lembranças, as memórias que permitirão identificar os sintomas causadores de sofrimento.

Freud (1975 [1914], p. 4) diz que “o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa pela atuação ou atua-o (*acting out*)”. Isso significa que a repetição se dá em forma de ação, ainda que de forma inconsciente, e que ocorre por meio de um fenômeno que o psicanalista nomeia como transferência. Por exemplo: o paciente não dirá que costumava ser desafiador e crítico em relação à autoridade paterna, no entanto, comportar-se-á desse modo para com o terapeuta. O paciente repete, ao invés de recordar, e repete sob condições de resistência, explica Freud. O que esse paciente repete? Repete suas inibições, suas atitudes inúteis, seus traços de caráter; repete sintomas, colocando-os em cena e revivendo-os em certa medida na relação com o terapeuta, no decurso de seu tratamento.

Esse breve estudo da memória sob o viés psicanalítico mostra-nos que a repetição é constitutiva do sujeito, por isso recusamos o raciocínio simplista de que esse fenômeno é, necessariamente, negativo ou patológico. Aprendemos que a memória, sob esse enfoque, não resgata necessariamente cenas vividas, mas traços recobertos. Se é assim, o leitor pode estar se perguntando em que lugar nos situamos.

¹⁹ *Nuevas recomendaciones sobre la técnica del psicoanálisis II*. FREUD, S., *Studienausgabe*, Vol. complementario (*Ergänzungsband*): *Schriften zur Behandlungstechnik*, S. Fischer Verlag, Frankfurt am Main, 1975 [1914], p. 205-215, tradução espanhola de Juan Bauzá.

Assumimos que este estudo se encontra na fronteira entre a filosofia e a psicanálise, muito embora seja de cunho linguístico. Ou, para usar uma perspectiva atual, em interlocução com uma linguística antropológica²⁰, que olha para outras ciências para pensar sobre seu objeto de estudo.

A imersão no campo e a análise dos fatos linguísticos nos revela que é *na* e *pela* linguagem que as pessoas vivem a experiência humana do tempo. Experiência que se torna mais significativa na medida em que as pessoas vivem durante mais tempo, pois a cada dia a mais vivido, mais acúmulo de experiências, mais presença de passado há em suas vidas. Assim, as pessoas parecem encontrar nas experiências vividas no passado – recuperáveis, linguisticamente, pela memória – uma possibilidade de alargar o presente, ressignificando-o. A partir dessas reflexões, podemos finalmente esboçar um conceito de memória na perspectiva enunciativa ora adotada.

Nos diálogos com (e entre) pessoas idosas, os interlocutores são um *tu*, que ouve histórias, fatos e episódios narrados por um *eu*, que encontra a possibilidade de reconstruir seu passado, pelo discurso, via memória. Nesse sentido, a memória sob a perspectiva enunciativa, revela-se como uma possibilidade de percorrer o tempo, de remontá-lo, vinculando o sujeito com o passado das suas próprias impressões, permitindo a cada um a própria continuidade temporal, sem ruptura com o presente. A memória, nessa perspectiva é *do tempo*, não tão somente do passado, mas sobretudo do presente, pois é um *estar ali*, na realidade, que possibilita a um dado-ausente tornar-se dado-presente, *na* e *pela* linguagem. Portanto, a memória, na perspectiva enunciativa assumida, aponta para a possibilidade de dar vida nova ao acontecimento e à experiência do acontecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo dirigiu o olhar para a temática da memória a partir de um viés linguístico, ao refletir sobre a presença da repetição em narrativas de sujeitos que envelhecem.

Os neurologistas que estudam a memória sob o aspecto fisiológico afirmam que ela é suscetível à ação do tempo, de modo que a memória de curto prazo, muitas vezes, pode ser afetada em detrimento da memória de longo prazo. Na visão filosófica, a memória consolida o próprio sentimento de existência, na medida em que prevê um outro, com quem o sujeito compartilha o ato de *envelhecer junto*. Na perspectiva psicanalítica, vimos que a memória e a repetição não são um efeito do envelhecimento, já que a repetição é constitutiva do sujeito. De nossa perspectiva,

²⁰ Inspiramo-nos na leitura de Dessons (2006), para quem a obra benvenistiana inaugura uma pesquisa em torno de uma antropologia da linguagem, pois o homem é figura central no pensamento do autor. Essa é também a posição de Teixeira (2012), que defende o estudo dos pronomes, em Benveniste, como a representação de “um lugar privilegiado para mostrar que sua teoria da enunciação contém o projeto de uma ciência geral do homem” (p. 71), e de Flores (2015, p. 95), ao apontar que “essa antropologia da enunciação é menos um estudo antropológico no sentido em que comumente se atribui e mais uma perspectiva que não prescinde do fato de o homem falar”.

buscamos responder o que o linguista tem a dizer sobre os estudos da memória e da repetição.

Guardadas as diferenças de objeto e método e, ainda, fazendo uma analogia, pensamos que o sujeito da enunciação talvez necessite usar da memória e da repetição como recurso(s) linguístico(s) para constituir-se no ato de fala. Assim sendo, se a memória (e a repetição) é uma reedição de uma impressão, não pode ser reduzida, portanto, a um efeito do envelhecimento, mas considerada como algo constitutivo do sujeito, de qualquer sujeito, independentemente da idade. Através da linguagem, as pessoas podem falar *no* tempo e *do* tempo. Assim, a memória passa a ser uma possibilidade de viver o tempo em uma dupla dimensão: no aqui-agora e na recorrência ao passado.

Há um campo que pode ser melhor aprofundado nos estudos sobre a memória e que reivindicamos para o linguista. Afinal, alguns importantes espaços têm sido conquistados pelas pessoas que envelhecem na vida em sociedade, no mundo do trabalho, graças às pesquisas e ao progresso da ciência nas últimas décadas. Desse modo, se tal como o exercício de fazer palavras cruzadas é importante para preservar a capacidade de memória e praticar exercícios, alimentar-se bem é condição para manter o corpo saudável, certamente falar – ainda que sobre fatos e lembranças passadas ou sobre conteúdos supostamente repetidos – pode ser igualmente saudável. Eis o nosso propósito ao esboçar um conceito enunciativo para a memória: mostrar a importância do espaço de fala para as pessoas, sobretudo durante o processo de envelhecimento, já que a memória revela uma possibilidade de recuperação de uma experiência enunciativa da constituição do sujeito.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri, com revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. Campinas, SP: Pontes Editores, 1995.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar, Rosa Attié Figueira, Vandersi Sant'Ana Castro, João Wanderlei Geraldi, Ingedore G. Villaça Kock, com revisão técnica de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes Editores, 1989.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), s90-s95, 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/23144/14074> Acesso em: 05 jan. 2019
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FREUD, Sigmund. Studienausgabe, Vol. complementario (Ergänzungsband): *Schriften zur Behandlungstechnik*. (1914) Tradução Juan Bauzá. Rememorar, repetir y reelaborar. Nuevas

recomendaciones sobre la técnica del psicoanálisis II. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1975, p. 205-215.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Tradução Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.

GARCIA ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, v. 2.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François et al. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Unesp, 2010.

SACKS, Oliver. *O rio da consciência*. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução Anna Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. *Revista Desenredo*, Volume 8, n 1. Passo Fundo, Editora da UPF, p. 71-83, 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2639> Acesso em: 02 jan. 2019.

VALÉRIO, Patrícia da Silva. *Linguagem e tempo: a memória na perspectiva da enunciação*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – UNISINOS, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5039> Acesso em: 15 abr. 2019.

Recebido: 23/01/2019

Aceito: 3/04/2019

Publicado: 24/06/2019